

Coluna do Castello

Por que o PCB vem de candidato próprio

A oficialização da candidatura de Roberto Freire a presidente da República é oportunidade para que se examine a estratégia do Partido Comunista Brasileiro na campanha sucessória. A escolha de um candidato com discurso aberto e com perfil aceitável pelas elites dirigentes não é apenas uma tradução local da *perestroika*, mas o ponto de partida para uma tentativa de reinserir o partido no movimento sindical e na faixa política bastante ampla inclinada a defender a socialização da sociedade. Observe-se que o PCB passou a disputar eleições sindicais onde elas ocorram, isso desde que perdeu a CGT para Magri, classificado como sindicalista de direita pelos grupos adversários. O *Partidão* aparentemente decidiu voltar a participar de uma área de influência social e política na qual teve presença de comando durante muitos anos.



Como se sabe, o PT, nascido das lutas sindicais do ABC paulista no final da década de 70, foi a força nova que deslocou a influência dominante dos grupos comunistas no ocaso do regime militar. A fragmentação do movimento comunista deu seu empurrão ao processo e ainda hoje o PCB sofre o impacto não só da presença do PT, da CUT e de Lula no cenário trabalhista como não acaba seu ajuste de contas com a facção albaneza do PC do B e com outros grupos dissidentes que reivindicam postura revolucionária, como é a tradição do movimento socialista a partir da II Internacional. Os novos grupos trabalhistas não se filiam a centrais políticas sob patrocínio da URSS, da China ou de qualquer outro pólo de irradiação esquerdista. Eles se condicionam por fatores locais e procuram se ajustar a condições que os viabilizem. Hoje a filiação à central socialista européia é obtida em função de prestígio e credibilidade junto aos líderes da social democracia triunfante e não mais junto a postos de doutrina e ação instalados no mundo comunista.

O movimento comunista nacional sofreu o impacto de novas realidades surgidas depois do malogro da sua aliança nos anos 50 e começo dos anos 60 com o PTB getulista e janguista. O pacto trabalhista-comunista dividia a direção do movimento sindical entre Jango e Prestes durante o governo do primeiro como desfecho de boa convivência anterior. Ouvi certa noite Jango dizer na Granja do Torto que Almino Afonso, então líder do PTB na Câmara, lhe levava para aprovação documento de política sindical que iria ler da tribuna. "Não sabia ele", comentou o então vice-presidente, "que Prestes já tinha me trazido o manifesto e que eu o aprovara". Como Almino, Brizola também não estava na intimidade desse segredo imposto pela circunstância da existência ilegal do PCB.

A associação não foi bastante poderosa para deter o movimento de 64, de inspiração conservadora civil e militar e armado precisamente em resistência ao que se supunha ser o projeto de implantar no país uma república sindical. A esquerda, que crescera naquela época, pulverizou-se em dezenas de grupos subversivos que praticavam cada um a seu modo e em alianças eventuais a sua própria guerrilha. A proliferação de associações comunistas e revolucionárias desviou do PCB o controle das decisões, até hoje não mais unificado. A candidatura Roberto Freire, associada à disposição do *Partidão* de entrar em todas daqui por diante (como o fez agora na eleição na Federação Nacional dos Jornalistas), inaugura uma nova estratégia para retomar o lugar perdido no centro do movimento sindical brasileiro.

Freire traz à disputa da sucessão a presença do néo-comunismo, gorbachoviano, moderno, que aspira a socializar dentro da democracia. É a contrapartida do liberalismo moderno que se tornou a mensagem dos candidatos de centro, como Aureliano, Collor, Afif Domingos e já agora Mário Covas, cada um com a nuance ditada por suas origens. Covas mantém visão de política social mais ativa e Afif enfeita a mensagem que trouxe da prática direitista de Paulo Maluf. Este último mantém seu velho discurso, embora Ronaldo Caiado tente tingir a militância mais conservadora da UDR com a escolha do bancário Camilo Calazans para seu companheiro de chapa.

Fato curioso essa adesão de Calazans ao candidato da UDR. Sinal de que seu negócio não é a política mas o banco. Bastou que lhe acenassem com a candidatura a vice de Covas e o deixassem de lado para que se sentisse frustrado. Zangado, mudou de lado. Em política isso não vale. Política não comporta suscetibilidades nem o fator ético costuma ser o dominante. Calazans é um homem de bem mas não ajustou seu temperamento ao novo cenário em que ingressou. Ele evidentemente não nasceu para a política.